

Sarney - discurso

Burocracia do governo angustia o presidente

BRASÍLIA
AGÊNCIA ESTADO

"É quase com angústia que tenho percebido que parte dos muitos recursos que vamos colocando para ajudar os pobres, opção preferencial do meu governo, custa a chegar ao seu destino", desabafou, ontem, o presidente José Sarney, ao assinar o decreto de criação do Programa de Apoio a Organizações de Pequenos Produtores Rurais do Nordeste. Foi esta a primeira vez que o presidente se queixou publicamente do emperamento da máquina administrativa de seu governo, tido como uma das principais justificativas para a troca de ministros. Sarney entende que é preciso "agilizar, motivar, romper a inércia", sob pena de o governo trilhar um longo caminho, da decisão ao resultado, "sempre dificultado por obstáculos burocráticos".

Para o presidente, o programa das cooperativas, no qual serão investidos Cr\$ 2 trilhões a fundo perdido — Cr\$ 1,8 trilhão do PIN/Proterra e Cr\$ 200 bilhões do Finsocial — "muda substancialmente o enfoque até hoje dado ao crédito dos pequenos, pela maneira simples como será operado". Serão beneficiados os produtores organizados em comunidades, cooperativas ou associações que explorem área não superior a 100 hectares e cuja renda familiar anual

não seja superior a 200 vezes o maior valor de referência — hoje equivalente a Cr\$ 55,579 milhões. Ele explicou que, apesar de ocuparem apenas 30,8% da área, aos míni e pequenos produtores do Nordeste é creditada a maior parcela da produção de alimentos e matérias-primas agropecuárias e da criação de empregos no campo.

O ministro do Interior, Ronaldo Costa Couto, e o superintendente da Sudene, José Reinaldo Tavares, repetiram os números citados pelo presidente, mas não souberam precisar a quanto o programa elevará essa produção. Também ignoram a área ainda disponível para a expansão das atividades previstas com o estímulo às cooperativas.



Foto Sérgio Borges — Telefoto Estado

Sarney lançou programa de apoio a cooperativas do NE

O discurso

"Com a assinatura desse decreto, acabo de criar o Programa de Apoio a Organizações de Pequenos Produtores Rurais no Nordeste.

O programa estabelece um sistema de financiamento e apoio ao pequeno produtor, organizado em comunidade, cooperativas ou associações, e, desde agora, como já foi anunciado, destinamos Cr\$ 2 trilhões da Proterra e do Finsocial. O lavrador terá recursos não reembolsáveis para sua produção agropecuária, extrativa ou artesanal, sua comercialização ou beneficiamento, para a aquisição de animais, máquinas e outros implementos, para obras de interesse coletivo, como poços, silos, eletrificação, pontes e estradas, e, finalmente, para a própria criação ou manutenção de associações produtivas, institucionais ou não.

O programa será operado da maneira mais simples, devendo a associação enviar o pedido à Sudene, gestora do programa, através dos bancos do Brasil e do Nordeste. Analisado por um conselho com participação de trabalhadores, dentro de um criterioso plano de prioridades, o financiamento será autorizado e remetido sem que os lavradores tenham de sair dos seus municípios.

Creio que esse programa, que muda substancialmente o enfoque até hoje dado ao crédito dos pequenos, é um dos grandes programas já alcançados pelo governo.

Em primeiro lugar, pela maneira como foi feito, procurando-se encontrar um mecanismo simples que fizesse com que os recursos chegassem às mãos do pequeno agricultor sem maiores delongas.

Na verdade, esse é um grande problema. Da decisão ao resultado é um longo caminho, sempre dificultado pelos obstáculos burocráticos. É quase com angústia que tenho percebido que parte dos muitos recursos que vamos colocando para ajudar os pobres, opção preferencial do meu governo, custa a chegar ao seu destino. É preciso agilizar, motivar, romper a inércia. E para isso estamos pedindo a todos para ajudarem estes programas, trabalhando com dedicação e eficiência. Assim, os que dele participam ajudam a ajudar, ajudam a dar aos pobres aquilo a que eles têm direito.

O programa ora lançado é uma resposta. Usa a própria estrutura social e a rede financeira já existentes.

Passam a fazer parte de sua administração os próprios interessados, os pequenos produtores, representados pela Confederação dos Trabalhadores Rurais. A ação do governo fica assim mais transparente, mais fácil de ser controlada,

mais barata e mais democrática. Quanto mais informado for o público dos programas sociais, mais ele saberá exigir seu bom funcionamento, maior eficiência e o uso adequado dos recursos.

Uma outra razão da grande importância que dou a este programa é de ordem estratégica.

Creio, e é compromisso da Aliança Democrática, que se a Nova República conseguir mudar o Nordeste estará também mudando o Brasil. Se triunfamos, o Brasil terá vencido o mais grave desafio social de seu desenvolvimento. Se fomos derrotados, o Brasil inteiro terá perdido. Dai estamos depositando tanta esperança nos programas de transformação social e progresso econômico para a área.

No ano de 86, a Sudene terá recursos da ordem de 14% do total dos investimentos orçamentários do governo federal, mais de dez vezes o que dispunha em 1985. Programas todos voltados para os mais carentes. Projeto Nordeste, recuperação dos danos provocados pelas enchentes, um milhão de hectares irrigados, Finor Alimentos, projeto de financiamento direto a entidades comunitárias.

A palavra participação destina-se a ser ação. No conselho da Sudene, hoje, participam trabalhadores da indústria, do comércio e da agricultura. O plano-diretor foi por eles discutido. Agora, neste programa, eles terão assento para decidir.

Essa é uma experiência que se tem mostrado bastante eficiente. Basta dizer que a presença dos trabalhadores nos órgãos colegiados da Sudene tem feito com que o nível dos projetos melhore, uma vez que o empresário, ao remeter um projeto que sabe vai ser discutido sob o ângulo social pelos trabalhadores, ele dá, já na sua elaboração, um destaque ao setor social que não havia antes. No momento em que os analistas dos projetos dos órgãos oficiais sabem que esse projeto vai ser discutido num colegiado do qual participam também os trabalhadores, eles analisam também sob esse ângulo. E, por outro lado, a presença dos trabalhadores nestes órgãos tem sido um permanente exercício de uma participação mais efetiva; participação essa na qual eles se sentem também responsáveis pela ação de governo.

Com relação ao Nordeste, vou citar alguns valores: orçamento da Sudene para o presente ano é da ordem de Cr\$ 12,4 trilhões; o Finor atinge Cr\$ 6,5 trilhões; o Finor alimentos, criado agora, Cr\$ 3 trilhões; o programa de irrigação, Cr\$ 6,6 trilhões; programa de recuperação das enchentes, em processamento e já na parte final, Cr\$ 2 trilhões; e o programa agora lançado, de

apoio às associações de pequenos produtores, Cr\$ 2 trilhões. Um total de Cr\$ 32,5 trilhões.

Devemos acrescentar o prestígio político que o governo tem dado aos órgãos e à solução dos problemas daquela região. A Sudene, que se encontrava desmotivada, hoje voltou a ser o grande organismo de decisão do Nordeste. Transformada em autarquia especial, mudada a sistemática da discussão e aprovação dos seus projetos, o seu conselho deliberativo voltou a ser o grande fórum de discussões, de meditação e de reflexão daquela região.

Senhoras e Senhores, finalmente esse projeto aponta uma direção de desenvolvimento social. Tenho repetido que precisamos achar rapidamente os caminhos para a transformação social do País. Esse foi o desejo do povo em praça pública, e continua sendo. E quem não ouvir esse clamor será descartado pela história.

Quero aqui exaltar publicamente a Sudene e seu superintendente e o Ministério do Interior, porque partilham de minha intenção de arregalar as mangas e buscar fórmulas práticas e imaginativas para mudar as coisas.

A melhor forma de fazê-lo é dando participação ao povo. As cooperativas, a ação comunal, a organização das comunidades são uma maneira fundamental de se praticar a democracia.

Ao Brasil não interessa um desenvolvimento que beneficie uns poucos, porque a longo prazo ele mata. Ao Brasil não interessa um progresso só do Estado, porque ele sufoca e imobiliza.

As cooperativas, a ação comunal, a organização das comunidades é um caminho importante, porque não apenas resolve esse dilema, mas também recusa o assistencialismo imediatista, e planta sólidas raízes do futuro: ensinar a pescar para comer a vida inteira, sem que os recursos se percam em imensos organismos burocráticos.

Eu desejo a criação, como todos nós, de um estado social de direito. Ninguém pode ser feliz, quando a sociedade é infeliz. A melhor maneira de buscar a felicidade é trabalhar para todos.

O homem cria cada vez mais o desenvolvimento, aumenta os seus bens, mas, paradoxalmente, sente-se cada vez mais infeliz. É uma presa fácil para a revolta, para a violência, para o afastamento de Deus.

Melhorar a qualidade de vida é fazer o que o Brasil mais precisa neste instante.

Ouvindo e apoiando as comunidades, assim como as associações de pequenos produtores, estamos procurando meios para mudar a face deste país.

Muito obrigado."